



UM ESTUDO DA MODALIZAÇÃO ESTABELECIDADA PELO VERBO *PODER* EM LIVROS DIDÁTICOS.

A STUDY OF THE WORD “CAN” SET MODALIZATION IN SCHOOLBOOK.

HOFFMANN, Dayane Gaio (discente - Unioeste)
SELLA, Aparecida Feola (docente- Unioeste)

RESUMO: Justifica-se o presente trabalho de pesquisa a necessidade de se estudar a modalização enquanto estratégia discursiva em livros didáticos. Tendo em vista que Neves (2006, p. 152) afirma não existirem enunciados não-modalizados, pois o falante marca de algum modo o seu enunciado, em termos da verdade do fato expresso, e imprime nele certo grau de certeza, nesta pesquisa, partiu-se do princípio de que, por meio da análise dos enunciados marcados pelo fenômeno da modalização, é possível perceber o posicionamento do autor do texto, seus objetivos e intenções, e, portanto, o direcionamento do texto. Afinal, conforme destaca Koch (2004), o fenômeno da modalização tem a função de determinar “o modo como aquilo que se diz é dito”. Nesse sentido, visto que o livro didático tem a característica de acomodar traços específicos de modalização, voltados para o conteúdo e para o interlocutor, traçou-se o objetivo de verificar recortes, publicados no livro didático *Nova História Crítica*, de 6ª série, de Mario Schimit, marcados pela modalização realizada por meio do auxiliar modal *poder*. Seguimos a hipótese de que o verbo *poder* oscila entre o epistêmico e o deontico, no encaminhamento que vai do cuidado com o conteúdo proposicional até o processo de diálogo com o aluno (cf. Sella, 2008). Subsidiaram a fundamentação teórica, principalmente, os estudos de Koch (1981, 2004), Neves (1996) e Castilho e Castilho (1992).

PALAVRAS-CHAVE: modalização; verbo *poder*; livro didático.

ABSTRACT: This research concerning the need to study the modalization while discursive strategy on didactic books. Once Neves (2006, p. 152) claim that non-modalized statements do not exist, because the speaker marks his statement in some way, in terms of the truth of the expressed fact and impress on it certain pitch of sureness, this work began with the principle that is possible, through the analysis of the statements marked by phenomenon of modalization, to perceive the author’s position, even his objectives and intends, and therefore the text direction. After all, according to Koch (2004), the phenomenon of modalization has the function to determine “how what is said is said”. At this, in as much as the didactic book is capable to accommodate specific features of modalization, towards the content and the interlocutor, it plotted the objective of checking out some fragments, published in the Mario Schimit’s didactic book *Nova História Crítica* 6ª série which is marked by modalization made through auxiliary modal “*poder*”. We followed the hypothesis that the verb “*poder*” varies between the epistemic and the deontic, in the routing from the care with propositional content until the dialog process with the student cf. Sella, 2008). The teoric grounding was supported, mostly, by studies of Koch (1981, 2004), Neves (2002) and Castilho e Castilho (1992).

KEYWORDS: modalization, verb *poder*, didactic book.

INTRODUÇÃO

HOFFMANN, Dayane Gaio e SELLA, Aparecida Feola – revistatravessias@gmail.com



Os estudos lingüísticos contemporâneos concebem a língua como um fenômeno social, marcado pela argumentatividade. Nesses estudos, a preocupação com as estratégias do dizer justifica-se pela importância de se considerar a utilização da língua em contextos interacionais, efetivos e diversificados, pois, segundo Koch (1981a), é na prática interativa da linguagem, entre locutor/interlocutor, que se percebe como determinadas marcas, verbais ou não-verbais, demarcam os objetivos pretendidos pelos falantes.

Tendo em vista essas reflexões, o presente trabalho (relato parcial de pesquisa em andamento) tem por objetivo estudar a modalização enquanto estratégia discursiva presente em livros didáticos, visto que, por meio da análise dos enunciados marcados pelo fenômeno da modalização, é possível perceber o posicionamento do autor do texto, seus objetivos e intenções, e, portanto, o direcionamento do texto.

Para tanto, traçou-se o objetivo de verificar como alguns recortes interlocutivos, marcados pela modalização realizada por meio do auxiliar modal *poder*, presentes no livro didático de 6ª série *Nova História Crítica* de Mario Schimit, corroboram a hipótese aqui levantada.

Inicialmente são apresentadas algumas considerações acerca das modalidades deôntica e epistêmica, as quais se fazem necessárias para a análise aqui pretendida. Destaca-se ainda, nesse mesmo item, a abordagem dada ao verbo *poder* nos estudos sobre modalização. E em seguida são explanadas considerações acerca do livro didático em questão e evidenciadas as análises correspondentes aos enunciados destacados.

A MODALIZAÇÃO

Considerando que, no interagir com o outro e com a linguagem, os falantes mobilizam recursos lingüísticos e expressivos para atingir seus objetivos numa dada situação comunicativa, Geraldi (1984, p. 125) afirma que a linguagem é o lugar da interação humana, visto que ela permeia todos os nossos atos, articula nossas relações com os outros e nos constitui enquanto sujeitos. E em consonância com o autor mencionado, Koch (2004) esclarece que, essa interação social, por intermédio da língua, caracteriza-se, necessariamente, pela argumentatividade.



Nesse sentido, no processo de argumentação, tendo-se em vista um interlocutor e uma finalidade, a linguagem oferecerá ao locutor todos os mecanismos possíveis para que ele possa atuar sobre o interlocutor de determinada maneira, e obter dele determinadas reações verbais ou não verbais. Koch (2004) justifica essa afirmação ao assegurar que toda

língua possui, em sua gramática, mecanismos que permitem indicar a orientação argumentativa dos enunciados: a argumentatividade, diz Ducrot, está inscrita na própria língua. É a esses mecanismos a que se denominam *marcas lingüísticas* da enunciação ou da argumentação. Outras vezes, tais elementos são *modalizadores* já que têm a função de determinar o modo como aquilo que se diz é dito. (KOCH, 2004, p.14)

Esses elementos modalizadores, a que se refere Koch (2004), assim se constituem, pois têm como função principal indicar a força argumentativa dos enunciados ao relacionar, contrapor temas, valores e crenças compartilhadas por uma comunidade lingüística. É, pois, nesse sentido que a modalização destaca-se nesse estudo, por indicar a orientação argumentativa dos enunciados e servir como instruções que permitem especificar a conclusão para a qual o enunciado aponta.

Com base nessas considerações esse estudo pretende abordar a questão da modalização, como um processo que contribui para a marcação dos pontos de vista, das crenças e as atitudes do falante em relação ao conteúdo de seus enunciados e em relação ao interlocutor. Afinal, de acordo com Coracini (1991), as modalidades constituem verdadeiras estratégias retórico-argumentativas, pois pressupõem uma intencionalidade discursiva.

AS MODALIDADES *EPISTÊMICA* E *DEÔNTICA*.

Neste trabalho consideraram-se basicamente as teorias que contribuem para o entendimento das categorias *deônticas* e *epistêmicas*, bem como para a compreensão dos significados modais do verbo *poder*, os quais se fazem necessários para a análise aqui pretendida. Para tanto buscou-se nos estudos de Koch (1981, 2004), Castilho e Castilho (1992, p.199) e Neves (1996) contribuições nesse sentido.



Nos estudos acerca do fenômeno da modalização observa-se que essa categoria lingüística implica na impossibilidade de separar a avaliação do sujeito falante em relação ao conteúdo por ele expresso. Castilho e Castilho (1992, p.199) explicam que uma sentença é composta pelo componente proposicional e pelo componente modal, sendo que o primeiro diz respeito à soma do sujeito mais predicado (*dictum*) e o segundo refere-se a qualificação do conteúdo da forma da proposição de acordo com o julgamento do falante (*modus*). Nesse sentido, Neves (1996), de igual forma, salienta que, ao proferir um enunciado, o falante se compromete com a asserção, pois nele estão registradas suas intenções e necessidades, sendo, pois, “improvável que o conteúdo asseverado num ato de fala seja portador de um a verdade não filtrada pelo conhecimento e pelo julgamento do falante (NEVES, 1996, p.180).

Contribuindo com essas reflexões, Koch (2004) observa que o fenômeno da modalização ganha destaque nos estudos lingüísticos, pois tem a função de determinar “o modo de como aquilo que se diz é dito” (KOCH 2004, p.24). A autora revela que, na produção de um discurso, o locutor manifesta suas intenções e sua atitude no enunciado que produz, o que pode ser considerado como atitude ilocucionária de modalização (KOCH, 2004, p.85).

Na descrição das modalidades deônticas e epistêmicas, em relação às primeiras, Koch (1981, p.101) esclarece que a modalidade deôntica situa-se no eixo da conduta, e se refere à linguagem das normas, ao que se deve fazer. Complementando, Neves (1996, p.180) afirma que a modalização deôntica relaciona-se a valores de permissão, obrigação e volição, “e está, de um lado, condicionada por traços lexicais específicos ligados ao enunciado ([+ controle]) e, de outro, implica que o enunciatário aceite o valor de verdade do enunciado para executá-lo”. (NEVES, 1996, p.180). Observemos os exemplos abaixo.

- a) ***Eu ordeno*** que você se retire daqui.
- b) ***É preciso*** que você se retire daqui.

Nota-se que, respectivamente, as sentenças estabelecem as noções de obrigatoriedade e necessidade deôntica. Em ambas o locutor procura obrigar seu interlocutor a assentir ao seu discurso, o qual é marcado pela atitude autoritária e imperativa daquele. Em (a) o locutor coloca-se explicitamente num patamar de autoridade e manifesta em seu enunciado a intenção de levar o interlocutor a agir conforme o citado. Já em (b) o locutor é menos incisivo e



autoritário, porém manifesta a necessidade de que a ação seja concretizada. Nota-se que em ambas as frases o locutor se compromete com o conteúdo asseverado, pois se expõe como autor de tais afirmações. Koch (2004) diria que as estrutura lexical *Eu ordeno* representa um performativo explícito, e *É preciso* um predicado cristalizado, e que ambas têm a função de impor ao interlocutor os argumentos do locutor.

Já a modalidade epistêmica relaciona-se ao julgamento do humano e marca o domínio do certo, da dúvida, do saber, da crença, ou seja, situa-se no eixo do conhecimento. Deste modo, o falante centra sua avaliação entre o certo, o qual se estende pelos limites e indefinidos graus do possível (NEVES, 2002, p. 187). Nas frases abaixo observa-se que a postura assumida pelo locutor difere da explicitada nas ocorrências acima:

- c) *É possível que Maria tenha feito a prova.*
- d) *Provavelmente será preciso estudar.*

Em (c), o locutor parte de suas percepções acerca da realidade, de suas convicções, porém não garante a verdade da proposição, o que permite que a responsabilidade sobre a asseveração seja atenuada. Já no exemplo (d) nota-se que o locutor, diferente do que ocorre no enunciado (b), avalia o conteúdo como uma possibilidade não como uma verdade. Ele deseja ver realizada a ação de *estudar*, porém a apresenta de modo menos incisivo, podendo receber contestações, pois não é apresentada como uma certeza.

Dessa forma, os enunciados (c) e (d) relacionam-se à modalidade epistêmica, pois, conforme define Koch (1981, p.101) essa modalidade pertence ao eixo da crença, reportando-se ao conhecimento que temos de um estado de coisas. Para Neves (1996, p.180), a modalização epistêmica está relacionada ao julgamento do humano, conforme verificado nos exemplos (c) e (d).

Vale acrescentar que até mesmo enunciados como *Se aquecido o ferro derreterá* apresentam modalização, pois, são ditos de acordo com as intenções do locutor. O locutor desse enunciado tem seus objetivos a serem atingidos, podendo ser uma simples informação, ou mesmo uma metáfora usada como um conselho implicado no desejo de que haja perseverança.

Tendo em vista as diferentes possibilidades de modalização de um enunciado, Neves (2006) aponta que “a modalidade é, essencialmente, um conjunto de relações entre o



interlocutor, o enunciado e a realidade objetiva” (NEVES, 2006, p. 152), portanto é seguro propor que não existam enunciados não modalizados, afinal o falante marca de algum modo o enunciado que produz, seja em relação a verdade do fato expresso, ou ao grau de certeza sobre essa marca.

A MODALIZAÇÃO MARCADA PELO VERBO *PODER*.

De acordo Koch (1981b), em língua portuguesa o verbo *poder* é um dos modais que oferece maior número de significados, tanto em relação a sua esfera semântica, quanto a sua força ilocucionária. Assim, a autora apresenta que, quanto ao nível semântico, esse modal pode exprimir diferentes modalidades, conforme se nota nos exemplos abaixo, citados pela autora (Koch, 1981b, p.107):

- a) permissão – *os alunos podem fumar na classe;*
- b) possibilidade – *Lúcia pode chegar hoje; e*
- c) capacidade (física, moral ou legal) ou habilidade – *Ele pode fazer várias coisas ao mesmo tempo.*

Desses enunciados verifica-se que em (a) a noção de permissão é acionada pelo verbo *poder*; já em (b) afirma-se a possibilidade de uma ação ser realizada; e em (c) a capacidade ou mesmo a habilidade do indivíduo é colocada em cena.

Neves (2000) também apresenta um estudo acerca do verbo *poder* e destaca que em certos enunciados pode ocorrer ambigüidade entre essas modalidades. Para Neves (2000), nos enunciados modalizados, representativos das línguas naturais, a ambigüidade, por exemplo, advém dos diferentes significados passíveis de serem atribuídos mediante os contextos situacionais. Dessa forma a autora afirma que o verbo *poder* constitui, no eixo deôntico, noções de capacidade/habilidade e permissão; e no eixo epistêmico, uma simples possibilidade.

Os exemplos a seguir, retirados de Neves (2000), evidenciam a possibilidade se atribuir diferentes significações ao verbo *poder*. Em *Pode sair, vai ver o casamento de sua prima!* a significação relaciona-se à permissão, o que denota um locutor em posição de mando; em *Ele, como pode se prestar a uma pantomima daquelas!* nota-se uma possibilidade deôntica, pois revela uma atitude avaliativa do locutor; já em *A noite a lua vem da Ásia, mas*



pode não vir, o que demonstra que nem tudo neste mundo é perfeito, tem-se representada uma possibilidade epistêmica – o locutor apresenta uma avaliação pautada numa hipótese.

Conseqüentemente, nota-se que, adequando-se às significações das modalidades epistêmicas e deônticas, é possível modalizar ora no eixo deôntico ora no epistêmico. Dessa forma Neves (2000) observa que será o conjunto de hipóteses, de que dispõe o destinatário, verificado no contexto, o responsável pela interpretação da elocução.

É, portanto, em virtude dessas constatações que Neves (2000, p.120) comenta que a diferença dos significados atribuídos a cada sentença não está somente no contexto intra-sentencial e extra-sentencial, os quais apontam para fatores determinantes no processo de interpretação. O significado dessas frases é também constituído se considerado o contexto discursivo, do qual fazem parte.

Vale destacar ainda que, para Sella (2008), o verbo *poder* corrobora, nos livros didáticos, diferentes efeitos de sentidos, os quais possibilitam ao produtor do texto tanto apresentar ao aluno os conteúdos que podem ser ampliados ou re-elaborados quanto realçar determinado conceito. Nota-se, pois, que esse modal aponta para o encaminhamento repassado pelo produtor do texto em relação tanto ao cuidado com o conteúdo proposicional quanto com a interlocução que se mantém com o leitor. E, nesse sentido, tal verbo age numa instância que oscila entre o epistêmico e o deôntico.

ENSAIOS DE ANÁLISE

Os enunciados que constituem o *corpus* dessa pesquisa foram retirados capítulo dois, intitulado *As grandes mudanças*, do livro didático *Nova História Crítica*, volume de 6ª série. Nesse capítulo, composto por vinte e uma páginas, são repassadas algumas noções acerca das mudanças econômicas ocorridas na Europa durante os séculos XI, XII e XIII.

As análises aqui evidenciadas são frutos de uma tentativa de verificar os processos de modalização estabelecidos pelo uso do verbo *poder*, em estruturas interlocutivas, e de demonstrar de que forma essas estruturas retratam as relações que o produtor do texto elabora com o seu enunciado, por um lado, e com o interlocutor, por outro.

Conforme observado, nos estudos sobre a modalização, entende-se que a modalização lingüística pode tanto marcar o relacionamento do produtor do texto com o enunciado quanto estabelecer a interação com o leitor e, assim, definir o relacionamento entre



interlocutores. A partir da observação desses dois tipos de comportamento, propomos uma divisão das ocorrências em grupos distintos: o da **modalização orientada para o interlocutor** e o da **modalização orientada para o conteúdo**, sendo que o grupo da modalização voltada para o interlocutor divide-se nos subgrupos da *Modalização Deôntico-Epistêmica* e no da *Epistêmico-Deôntica*.

No grupo da **modalização orientada para o interlocutor**, no subgrupo *Epistêmico-Deôntico*, o conteúdo da mensagem é apresentado/avaliado pelo autor como certo, para que o leitor dele tome conhecimento e reconheça sua validação. A interação com o leitor é marcada por uma atitude menos incisiva. Já no subgrupo *Deôntico-Epistêmico*, o autor mantém uma interlocução direta com o interlocutor. Nota-se que o autor situa seu enunciado no domínio da ordem, buscando levá-lo a uma atitude.

Vale acrescentar que enunciados em que a modalização é classificada como *Epistêmico-Deôntica*, marcados preferencialmente pela episteme, também apresentam traços deônticos, pois, ao mesmo tempo em que evidenciam a avaliação do autor em relação ao conteúdo expresso, também revelam a tentativa de fazer com que o leitor aceite o enunciado como certo e a partir de então aja conforme o proposto. Ou seja, nesses enunciados ressalta-se a idéia de possibilidade e, num “segundo plano”, resguarda-se a autoridade do autor, que lida com as noções de permissão e de capacidade. Dessa constatação nota-se a postura *Epistêmico-Deôntica*.

Já nos enunciados marcados pela modalização *Deôntico-Epistêmica* a postura assumida pelo autor é mais incisiva, porém, ao mesmo tempo em que a deonticidade é ressaltada por essa postura do autor, o verbo *poder*, enquanto auxiliar modal que comporta três diferentes posicionamentos, assegura a episteme do enunciado. Nesses enunciados, as noções de permissão e de capacidade são evidenciadas com mais ênfase, porém a possibilidade também pode ser vista num “segundo plano”.

E em relação à **Modalização orientada para o conteúdo**: os enunciados são apresentados em virtude do objetivo do autor em relação ao conteúdo. Nota-se que o autor modaliza os enunciados ora no eixo da necessidade epistêmica, revelando a certeza em relação ao que afirma, pois se trata de um relato sobre fatos construídos historicamente, ora no eixo da possibilidade epistêmica, pois, tendo como objetivo não se comprometer com a precisão das informações, apresenta o enunciado como sendo uma reflexão. Nessas duas



ocorrências nota-se que o autor estabelece uma interlocução mais indireta, pois sua preocupação está na forma como o conteúdo será repassado ao leitor.

Tendo em vista que o objetivo de um livro didático é repassar conhecimentos científicos, de tal modo que ele possa ser aprendido pelo leitor/aluno, vale ressaltar, ao autor/produtor do texto é necessário adequar sua metodologia para o nível de escolaridade a que o livro se destina. Tal constatação torna aceitável considerar que, nos enunciados destacados, o produtor do texto leva em conta o conhecimento que o leitor possui, e que a maneira como o conteúdo é repassado evidencia sua atitude tanto em relação ao conteúdo quanto em relação ao leitor. Observemos os enunciados:

Da **modalização orientada para o interlocutor**, observemos a postura *Deôntico-Epistêmica*. Os enunciados desse grupo possuem em comum a característica de servirem ao autor como um mecanismo que possibilita interagir com o leitor de modo a levá-lo a uma reflexão. Destaca-se, pois, que essa postura incisiva é amenizada pela noção de possibilidade, noção a qual, de forma mais indireta, apresenta a ordem como uma sugestão. Observemos.

(1) A Idade Média foi um período que durou mil anos. Mas você já sabe que grande parte desse período foi de terrível desarrumação. As ondas de invasões bárbaras construíam e destruíam tudo. De repente, uma boa plantação era arruinada por uma praga. Uma bonita casa era incendiada por guerreiros. Os próprios reis viviam com medo de ser assassinados por invasores bárbaros. Você **pode imaginar** o quanto gerações e gerações se sentiram inseguras, perdidas, desesperadas (p. 39).

No enunciado acima veiculam-se informações acerca do período histórico denominado *Idade Média*. Nota-se que o autor trabalha com informações que já são do conhecimento do aluno, conforme se nota na expressão “Mas você já sabe que grande parte (...)”. Nesse sentido, o verbo **poder** funciona como um mecanismo que orienta o leitor à reflexão. É, portanto, a *capacidade intelectual* de fazer abstrações a postura requerida pelo autor. Vale acrescentar que essa capacidade para imaginar tal situação relaciona-se ao julgamento que autor faz de seu leitor, pois pretende demonstrar que, se ele for atento, verá, no texto, indícios para essa interpretação. Também a *possibilidade* pode ser característica desse enunciado, pois o autor evidencia que é possível imaginar, isto é, chegar a essa



constatação, tendo como base um processo reflexivo, fruto das leituras veiculadas pelo livro didático.

Ainda em relação à modalização orientada para o interlocutor, observemos agora a postura *Epistêmico-Deôntica*. Os enunciados integrantes desse subgrupo revelam a expressão de uma necessidade ou de uma possibilidade epistêmica, voltada para o interlocutor. O autor pretende não só apresentar ao leitor a certeza em relação ao que afirma, mas suscitar a participação do interlocutor. Nota-se que, ao demarcar a certeza em relação ao que afirma, o autor orienta o enunciado para a aceitação do interlocutor.

(2) As diferenças culturais também eram importantes. Numa região as pessoas tinham a tradição de fazer vinho; em outra, de criar ovelhas, em outra, de fazer salsichas e cerveja. Em algumas de fabricar tecidos coloridos; em outras de pescar. **O que podemos concluir** é que cada região era capaz de produzir um excedente diferente da outra (p. 44).

No enunciado (2), a relação de causa e consequência que se estabelece entre o período destacado e os períodos anteriores é o que permite ao autor afirmar que o leitor tem capacidade para chegar a conclusão apresentada, ou seja, o autor afirma que é possível chegar a uma determinada conclusão, pois os períodos que precedem o enunciado destacado, asseguram essa interpretação. Nota-se que o autor se engaja no processo argumentativo e conforme cita Rodrigues (2001), essa seria uma estratégia utilizada pelo autor a fim de suscitar a sua aproximação com o leitor. Verifica-se que, no livro didático, essa estratégia possibilita ao autor manter-se em condição de igualdade com o leitor, pois perpassa a noção de que ambos estão construindo o conhecimento juntos. A noção de capacidade também é repassada nesse enunciado e está ligada ao julgamento do autor sobre a capacidade reflexiva do aluno.

Já em relação à **modalização orientada para o conteúdo modalizado**, a modalização epistêmica é mais representativa e atua mais diretamente sobre o conteúdo modalizado, demarcando a posição do produtor do texto com relação à mensagem expressa. Nesses enunciados, o principal objetivo do autor é apresentar os dados históricos e, para tanto, modaliza ora no *eixo da possibilidade* ora no da *necessidade epistêmica*.

No *eixo da possibilidade*, o teor de possibilidade atribuído ao enunciado implica a não-adesão total do produtor e, por conseguinte, uma responsabilidade limitada com relação à



verdade ou à falsidade da proposição. Nesse sentido a possibilidade epistêmica retrata um produtor com menor grau de engajamento pois apresenta apenas reflexões sobre o conteúdo.

(3) Naquela época, os burgos tinham casas que se amontoavam umas sobre as outras. Não existia sistema de esgoto. Os excrementos humanos e o lixo eram jogados nos rios ou simplesmente nas ruas, pela janela. **Podia** não ser muito higiênico para os humanos, mas era ótimo para os ratos se multiplicarem (p. 54).

Nesse exemplo nota-se que a noção de possibilidade veiculada pelo verbo *poder* se faz relevante na composição do enunciado, pois a noção de higiene é cultural, portanto não seria viável para o autor apresentá-la como compartilhada por todos. Nesse sentido, o verbo garante o não-comprometimento do autor em relação ao que afirma.

Já no *eixo da necessidade epistêmica* estão os enunciados que retratam uma constatação, um relato de uma certa realidade, dada à observação de todos, pois é comprovada historicamente. Ao leitor é necessário acreditar na informação e aceitá-la como exata. Observemos o enunciado abaixo:

(4) Você sabe que os ratos **podem** transmitir doenças graves. E foi exatamente o que aconteceu. Os ratos saíam dos navios e levaram uma terrível doença do Oriente, a peste negra – doença horrorosa que não tinha nenhuma cura conhecida (p. 54).

No enunciado (4) nota-se que a mensagem apresentada pelo autor é dada como incontestável e, num movimento interpelativo, sugerido pela expressão “você sabe que” visa engajar o leitor em sua argumentação. Percebe-se que, ao apresentar o conteúdo como certo, o autor pretende não deixar espaço para dúvidas, competindo ao leitor aceitá-lo como tal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme observado, em um livro didático os conhecimentos científicos são repassados de modo adequado ao nível de escolaridade a que o livro se destina. Tal constatação possibilita afirmar que o produtor do texto leva em conta o conhecimento que o



leitor possui, e que a maneira como o conteúdo é repassado evidencia sua atitude tanto em relação ao conteúdo quanto em relação ao leitor.

No livro didático *Nova História Crítica* o autor se posiciona ora como detentor do saber, o qual tem conhecimento tanto acerca do conteúdo quanto do leitor, e, ao posicionar-se dessa forma, assume-se como a autoridade máxima, capaz de direcionar a aprendizagem (eixo deôntico); e ora buscando amenizar sua atitude impositiva, a fim de não causar tanto impacto no momento da leitura, o autor modaliza os enunciados no eixo epistêmico, deixando implícita a modalidade deôntica.

No contexto didático a modalidade deôntica apresenta-se como um mecanismo que assegura o posicionamento do autor como um indivíduo que atualiza a veracidade dos dados e que possui certo domínio sobre o interlocutor. Já a postura epistêmica revela os momentos em que o autor pretende não se comprometer tanto com o conteúdo asseverado, ou mesmo quando pretende não ser tão incisivo em relação ao leitor, atenuando sua postura de autoridade do saber. Essa postura assegura-lhe uma maior aproximação do leitor conferindo-lhe credibilidade com o mesmo.

Tendo em vista essas considerações, a análise do verbo *poder* contribuiu para a verificação das possibilidades de modalização de um enunciado. Nesse sentido, modalizar um enunciado, ora entre os domínios do deôntico e ora do epistêmico, ou mesmo situar os dois domínios no mesmo enunciado, é uma operação que garante a expressão da subjetividade de um locutor, que assume com maior ou menor força o que enuncia, que se compromete, ou mesmo que se afasta.

Considerando-se que as análises acima apresentadas constituem descrições iniciais da pesquisa em andamento, os comentários evidenciados são de cunho geral, sendo necessárias ainda muitas leituras e reflexões para se chegar a considerações efetivamente finais.

REFERÊNCIAS:

CORACINI, M. J. R. F. *E a questão da modalidade?* In: Coracini, M. J. R. F. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência**, 1991.



- CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo. (Org.). **Gramática do português falado**. 2 volumes. São Paulo: Unicamp/Fapesp, 1992.
- GERALDI, J.W. **O texto na sala de aula: leitura e produção**. Cascavel: Assoeste, 1984.
- KOCH, I. G. V. **Argumentação e Linguagem**. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 1984.
- _____. **Aspectos da interação em língua portuguesa**. São Paulo, 1981 (a). (Tese de doutorado).
- _____. O verbo *poder* numa gramática comunicativa do português. **Cadernos PUC: Arte e Linguagem**. n. 8: São Paulo: Cortez, 1981 (b).
- NEVES, M. H. M. A modalidade: In: KOCH, Ingedore Villaça (Org.). **Gramática do português falado**. v. 6. São Paulo: Unicamp / FAPESP, 1996. p 163-195.
- _____.
- SELLA, A. F. **O verbo *poder***: indícios de modalização em livro didático de Biologia. 1º Seminário Nacional de Estudos da Linguagem. Unioeste. 2008 (no prelo).
- SCHIMIT, M. **Nova história crítica**. São Paulo: Nova Geração, 1999.
- RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/def_teses.html>. Acesso em: 18 nov. 2008.